

## **João Paulo Ascenso Pereira da Silva**

Universidade Nova de Lisboa – CETAPS

### **Paul Hyland e *Backwards out of the Big World*: em demanda da alma portuguesa 20 anos após a Revolução de Abril**

O presente texto constitui uma tentativa algo sucinta de abordagem do relato de viagem da autoria de Paul Hyland, *Backwards Out of the Big World, A Voyage into Portugal*<sup>1</sup>, cuja primeira edição, surgida em 1996 e da responsabilidade da editora Harper Collins, seria nesse mesmo ano vertida para língua portuguesa e sucessivamente editada pela Gradiva (1996) e pelo Círculo de Leitores (2000), tradução à qual foi atribuído como título *Por Este Tejo Acima, Uma Viagem à Descoberta da Alma Portuguesa*<sup>2</sup>.

À imagem de milhares de outros cidadãos europeus da sua geração (incluindo jornalistas, militantes de esquerda, intelectuais, artistas, ecologistas, *hippies* ou meros aventureiros), o autor visitou Portugal pela primeira vez em 1974, o ano da Revolução dos Cravos, que restaurou a democracia em Portugal e pôs cobro à mais longa ditadura da Europa Ocidental durante o século XX. Tal como acontecera em todos os momentos de mudança política, crise profunda ou catástrofe ocorridos em Portugal desde meados do século XVIII (o terramoto de Lisboa, a Guerra Peninsular, a Guerra Civil e as Lutas Liberais, a Primeira República ou a fase inicial do Estado Novo), numerosos estrangeiros foram então atraídos ao nosso país pelo desejo de participarem activamente na

---

<sup>1</sup> (London: Harper Collins Publishers, 1996). A propósito do relato de Hyland e da sua tradução portuguesa consulte-se o artigo de João Paulo Pereira da Silva, “Um Inglês à Descoberta da Alma Portuguesa – A Jornada Lusitana de Paul Hyland”, Isabel Maria da Cruz Lousada (ed.), *Estudos Anglo-Portugueses – Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa* (Lisboa: Edições Colibri, 2003), pp. 315-328.

<sup>2</sup> (Lisboa: Gradiva, 1996); (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000).

derradeira “revolução socialista” da Europa e na edificação de um novo projecto de sociedade, bem como de testemunharem o desfecho de um processo político conturbado, polémico e de consequências então ainda imprevisíveis para o equilíbrio geoestratégico do Velho Continente mas igualmente da África Ocidental e Austral, onde Portugal encetou de imediato o processo de descolonização.

Porém, o relato de Paul Hyland sobre o qual nos iremos agora debruçar, embora fazendo eco desse épico mas já distante período da nossa história contemporânea, reporta-se a uma outra deslocação efectuada pelo autor em meados dos anos 90, vinte anos volvidos sobre o 25 de Abril, novamente encarnando o papel do viajante informal, culto e aventureiro. Pretendendo, em larga medida, fugir às tradicionais convenções associadas à viagem, aos viajantes e à literatura de viagens, mas decidido paradoxalmente a seguir as pisadas de Henry Fielding, Hyland efectua o percurso da Grã-Bretanha até Lisboa num navio mercante de pavilhão germânico e, ao desembarcar, cedo se apercebe de que o país que havia percorrido duas décadas antes mudara radicalmente e de forma verdadeiramente dramática. Os ventos utópicos e revolucionários desde há muito haviam cessado de soprar e a pátria de Camões e Pessoa não passava agora de um vulgar membro da União Europeia, submetido a um processo de rápida transformação e desenvolvimento aos níveis económico, material e sobretudo das infra-estruturas e que então se preparava apressadamente para acolher milhões de visitantes na Exposição Mundial de 1998.

Por esse motivo, Paul Hyland manifesta agora o temor de que Portugal em breve se torne praticamente indistinto das restantes nações desenvolvidas da Europa e decide, nessa medida, empreender uma demanda metafísica e utópica em busca da alma portuguesa, afastando-se de forma deliberada dos tradicionais destinos avidamente buscados pelo simples turista e das rotas percorridas desde há séculos pelos seus compatriotas nos périplos por terras lusas. Longe do bulício da multidão e rumo ao desconhecido, Hyland segue o curso do rio Tejo até ao interior, visitando para além de Lisboa, o Ribatejo, o Alto Alentejo e a Beira Baixa, regiões do Centro e Sul de Portugal que haviam aparentemente sido menos atingidas por um mirífico e dúbio conceito de progresso e duramente marcadas por um crescente processo de empobrecimento e

desertificação, onde esperava captar a essência da alma portuguesa mas igualmente redescobrir-se.

Contudo, antes mesmo de procedermos a uma leitura de *Backwards out of the Big World*, passaremos a uma breve apresentação do autor. Não obstante tratar-se de um escritor largamente conhecido na Grã-Bretanha, a informação de natureza biográfica sobre ele disponível é escassa e avulsa. Após repetidas pesquisas, constatámos que o nosso viajante nasceu em 1947, no condado de Dorset, no Oeste de Inglaterra, onde continua actualmente a residir, participando em inúmeras actividades culturais de cariz local. Embora se trate sobretudo de um poeta e autor de narrativas e livros de viagem, que enverga no seu palmarés de escritor alguns prémios literários, Paul Hyland é igualmente conhecido no seu país enquanto dramaturgo, autor de documentários televisivos e programas radiofónicos transmitidos pela BBC, bem como pela sua mais recente e estreita colaboração com fotógrafos, artistas plásticos, músicos e compositores. Na sua extensa bibliografia contam-se, entre outros trabalhos, relatos sobre localidades do Sul de Inglaterra – *Purbeck, the ingrained island* (1978)<sup>3</sup> e *Wight, biography of an island* (1984)<sup>4</sup>. Porém, o autor em breve decidirá expandir os seus horizontes para outras latitudes, tendo empreendido, na senda de Joseph Conrad, uma viagem ao coração do continente Africano, mais precisamente à bacia do rio Congo, da qual nos legaria a narrativa intitulada *The Black Heart, a voyage into Central Africa* (1988)<sup>5</sup>, bem como uma deslocação à Índia, que daria origem a um novo testemunho, desta feita das experiências colhidas no contacto com aquela região da Ásia, denominado *Indian Balm, travels in south west India* (1996)<sup>6</sup>. O seu mais recente trabalho no âmbito da literatura de viagens intitula-se *Raleigh's Last Journey: A tale of madness, vanity and treachery* (2003)<sup>7</sup> e, tal como os anteriores, mereceria o reconhecimento dos críticos e obteria uma excelente recepção junto do público leitor, atestada pelas sucessivas reedições de que tem sido alvo.

---

<sup>3</sup> (London: Victor Gollancz, 1978).

<sup>4</sup> (London: Victor Gollancz, 1984).

<sup>5</sup> (London: Gollancz, 1988).

<sup>6</sup> (London: Harper Collins, 1994).

<sup>7</sup> (London: Harper Collins, 2003).

Igualmente aclamados pela crítica têm sido os seus volumes de poesia, entre os quais destacaremos *Poems of Z* (1982)<sup>8</sup>, *Stubborn Forest* (1984)<sup>9</sup>, *Kicking Sawdust* (1995)<sup>10</sup> e *Art of the Impossible, New and Selected Poems 1974-2004* (2004)<sup>11</sup>. Ainda neste contexto, importa acrescentar que a obra de Hyland dedicada ao nosso país não ficaria limitada à narrativa *Backwards out of the Big World*, já que, no ano de 1995, editaria, conjuntamente com Ray Keenoy e David Treece, uma antologia de poesia de expressão portuguesa (incluindo autores lusos, brasileiros e africanos), cujo título é *Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil and Africa*<sup>12</sup>. Sabemos igualmente que na popular antologia *Poems on the Underground* (1.<sup>a</sup> ed. 1991)<sup>13</sup> surge curiosamente uma versão de sua autoria do soneto de Luís de Camões “Para Pêro Moniz que morreu no mar”<sup>14</sup>.

Regressando todavia à experiência portuguesa do autor, é-nos dado saber que Hyland se deslocou por diversas vezes ao nosso país antes de

---

<sup>8</sup> (Newcastle-upon-Tyne: Bloodaxe, 1982).

<sup>9</sup> (Newcastle-upon-Tyne: Bloodaxe, 1984).

<sup>10</sup> (Newcastle-upon-Tyne: Bloodaxe, 1995).

<sup>11</sup> (Newcastle-upon-Tyne: Bloodaxe, 2004).

<sup>12</sup> (London: Boulevard, 1995).

<sup>13</sup> (London: Cassell, 1991). A primeira edição desta colectânea (cujos responsáveis editoriais foram Gerard Benson, Judith Chernaik e Cecily Herbert), tinha um título diferente do actual, mais precisamente *100 Poems on the Underground*. Passaria, contudo, a designar-se *Poems on the Underground* a partir da 2.<sup>a</sup> edição, datada de 1992, tendo sido posteriormente ampliada e alargada, passando a incluir novos textos logo na 3.<sup>a</sup> edição, de 1993.

<sup>14</sup> Tal facto constitui eventual prova de que o autor dominaria a nossa língua à época em que publicou estes trabalhos bem como o relato de viagem a cuja análise agora procedemos. Ao longo da sua estada em Portugal Paul Hyland colhe inúmeros dados acerca do país através do diálogo com amigos e conhecidos, mas igualmente com as figuras populares com as quais se vai, *pari passu*, deparando, com elas conseguindo facilmente comunicar e entabular conversação. Por outro lado, são incontáveis as palavras, expressões idiomáticas e provérbios não traduzidos e perfeitamente entendidos pelo viajante. Outro indício de que o autor possuiria um razoável conhecimento do nosso idioma reside no vasto conhecimento da língua portuguesa que revela possuir, dada a sua capacidade de verter para inglês trechos de poemas, letras de canções, facto para o qual somos à partida alertados na página de agradecimentos.

se ter lançado na escrita de *Backwards out of the Big World*. A viagem que esteve na origem deste relato foi, na verdade, antecedida por outras duas, no curso das quais seguiu diferentes itinerários e percorreu as mais variadas regiões de Portugal. Tais peregrinações ou périplos por terras lusas são amiúde evocados de forma analéptica, em vários excursos, ao longo da obra que nos propomos abordar. Neste contexto alude sobretudo, com óbvia nostalgia e recorrendo com frequência à palavra saudade, à sua primeira visita a Portugal ocorrida como dissemos em 1974, na sequência da Revolução dos Cravos. Esse primeiro contacto com o país, recordado em momentos diversos, nomeadamente durante as suas deslocações a Vila Franca de Xira, a Santarém ou nos seus múltiplos passeios pela capital, parece servir-lhe constantemente de instrumento de aferição ou termo de comparação, facto que confere um carácter eminentemente dual à sua narrativa. Ao percorrer locais que conhecera e visitara em 1974 e no curso de inúmeras entrevistas a personalidades junto das quais recolheu informações e testemunhos sobre os aspectos mais diversos da cultura e da história portuguesas, o autor estabelece, de modo quase inevitável, um confronto com o presente, como poderá ser constatado através da leitura de alguns episódios da sua jornada. Em Vila Franca de Xira, durante as tradicionais festas do Barrete Encarnado, evoca o 25 de Abril, descrevendo o ambiente de euforia vivido na praça principal daquela localidade no dia da revolução:

I stand above most of the crowd with my back against the Manueline whipping-post. The carved stone *pelourinho* is topped with a bronze armillary sphere. It is more than the world up there: its rings and orbits comprise the Portuguese universe, the nation's imaginative space. On a podium before the town hall the air force band strikes up. Beyond the bunting and the buildings, cliffs of raw rockface with houses on shelves rise to seamless blue. Everything is possible. Here in April 1974, the crowds aimed for the *pelourinho*'s steps too, crammed the square with the banners and red carnations of revolution, and celebrated the release of political prisoners from Caxias and those other prisons and "bullpens" whose bars had cast long shadows across the imagination of the nation. Men perched on balconies and straddled the gaps between them, backs pressed against white stucco. They, the banners and the loudspeaker lashed to the pillory, proclaimed the victory of the captains of April, and cried *Fim da guerra! Viva a*

*Democracia!*, and the Chilean slogan *O Povo unido Jamais Será Vencido!* – the people united will never be defeated.

Waiting for the ceremony to begin I'm an outsider, an observer amongst aficionados. Idly, I wonder how the secret police here, the agents of the PIDE, felt on that distant day. Did they mingle in this square? Did they drink in the cafés where they had habitually grazed gossip? Some clutched their cover yet more closely about them and hoped to sell themselves to the next bidder. But many were known, their professional arrogance curdling in terror, in fear for their health, yearning for the safety of a cell.<sup>15</sup>

O mesmo tipo de evocação histórica ocorre no momento em que Hyland visita Luísa Mesquita, amiga pessoal de Salgueiro Maia, ou simplesmente ao contemplar os *grafitti* de claques de futebol ostentados pelas paredes de Lisboa e Cascais, confrontando-os com os lemas e *slogans* revolucionários que cobriam vinte anos antes as fachadas e muros por toda a capital portuguesa:

At the far side of town I walked through a Santarém without smart shops and bijou-bars, a high-rise, make-do, get-by, real-world Santarém. I climbed to a pleasant apartment where I'd been invited by one of Salgueiro Maia's friends, Luísa Mesquita. She sat me down at a burnished table with a glass of Alcanhões, an old strong sweet white wine, and told me how she met him.

'I got married and went to Guiné-Bissau where my husband was posted. Don't go, stay, my friends said. But I must go. In a bookshop there I bought a volume by Maxim Gorky. At once the PIDE called on me. Don't be seen on the streets with that, they said. Why not? I said. Because there are many planes for Lisbon. So there I was, in Guiné with Fernando Salgueiro Maia and many other soldiers who would become Captains of April.'

They had a long view of suffocating Lisbon and a close-up of superannuated colonialism. They discovered doubt, and like-minded comrades with whom to foment the forbidden idea of change. They forged a language that at home was unspeakable. Their nostalgia was for a Portugal that lived in their dreams. Salgueiro Maia returned to Santarém in October 1973, more ready than he knew. Neither he nor his fellow Captains of April could have foreseen the political

---

<sup>15</sup> *Backwards Out of the Big World*, cap. VII, pp. 78-79.

surrealism that would follow, the fantasy millenarians who would tug at the reins of power, the fake idealists who would capitalise on the courage and faith of the few. Without fail, those self-dramatising dream-merchants lost power to self-interested pragmatists. Garrett said it all: today's barons are not Camões's heroes, they are greedy opportunists who vandalise the very notion of nationhood.<sup>16</sup>

Graffiti was everywhere when I first came to Lisbon after the coup of 1974. It was published and republished on walls with revisions, amendments, refutations and glosses, a spray-paint history of intoxicating times when the pendulum swung far left and right, left, right. Soon staid citizens had *saudades* for a dull economy that ran on time and a solid edifice of state that was never overwritten. Twenty years on, most walls are blank ones, though I saw a black man on scaffolding at Alcântara laboriously chipping away at a huge hammer-and-sickle. Not the kind of thing you want nowadays on a gentryfied waterfront.

At Cascais though, there is lots of graffiti. Skins' words, No Name Boys, disaffection with democracy, the affectation of anarchy. In the centre of town Camões's face is sprayed green. The poet would have understood the youth's thinly disguised despair, if not their nihilism. He was a bohemian at home, in palace, bar or brothel, a wild and sorry man in his time.<sup>17</sup>

Contudo, este carácter dual e contrastivo do seu relato, fruto da nostalgia de tempos passados e de experiências que o marcaram profundamente, leva-o em simultâneo a manifestar um nítido sentimento de perda e de saudade, reforçado pelo presságio de que as profundas transformações a que assiste no Portugal de 1995 virão em definitivo apagar da memória colectiva um momento decisivo na vida contemporânea do nosso país e uma página da sua própria história pessoal, que certamente contribuiu para a construção da sua identidade e para a sua formação enquanto indivíduo.

Consciente de que todo o viajante carrega consigo o peso do preconceito ou de memórias de jornadas anteriores (mas prometendo, em simultâneo deles se procurar afastar ou libertar), Paul Hyland decide regressar ao extremo ocidental da Europa, a Portugal, nação com quem

---

<sup>16</sup> *Idem*, cap. IX, p. 109.

<sup>17</sup> *Idem*, cap. III, pp. 33-34.

os britânicos sempre mantiveram uma estreita e privilegiada relação e para a qual se dirigem em massa, desde os anos 60 do século XX, enquanto meros turistas, buscando, numa postura meramente hedonista, as solarengas praias do Algarve, mas demonstrando o mais ostensivo desinteresse pelo país que tanto apreciam enquanto destino de férias. O próprio autor confessa que a esmagadora maioria dos seus compatriotas desconhece por completo a história, a cultura, a língua e as tradições portuguesas, perante as quais manifesta sobranceira e deliberadamente a sua ignorância, convicta de que é ainda oriunda de uma grande potência, outrora um grande império. Porém, a tal propósito Hyland considera, pleno de ironia, que os ingleses e os americanos nada perderiam em aprender o velho lema português “once we were so big, but now we are so small”<sup>18</sup>, já que, ao longo da História, todos os grandes impérios, após atingirem o apogeu da sua expansão, declinaram e retornaram humildemente às suas origens.

Deste modo, em *Backwards out of the Big World* não seremos mais confrontados com a tradicional postura arrogante e etnocêntrica a que nos habituou a generalidade dos relatos britânicos sobre o nosso país, que o olhar fascinado de Hyland percorre aparentemente com admiração e algum sentido de humildade. Na senda de Richard Kerridge, que procede a uma interessante análise da narrativa publicada pelo nosso autor sobre a África Central (*The Black Heart, A Voyage into Central Africa*), surgida no volume colectivo *Travel Writing and Empire: postcolonial theory in transit* (1999)<sup>19</sup>, poderemos afirmar que o relato de Paul Hyland, o inglês que manifestara desde a infância o perverso desejo de ser português, constituirá um autêntico paradigma do *travelogue* pós-colonial ou pós-imperial, sobretudo pela forma como advoga a preservação dos valores e identidade nacionais, naquilo que poderíamos classificar de autêntica cruzada pela “ecologia cultural ou civilizacional”<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> *Idem*, cap.I, p.3.

<sup>19</sup> Richard Kerridge, “Ecologies of Desire: Travel Writing and Nature Writing as Travelogue”, Steven H. Clark (ed.), *Travel Writing and Empire: postcolonial theory in transit* (London: Zed Books, 1999), cap. X, pp. 164-183.

<sup>20</sup> É nos seguintes termos que Richard Kerridge define *travelogue* pós-colonial, apresentando e analisando o texto de Paul Hyland como autêntico paradigma desta



Na verdade, o motivo que alegadamente o impelia a regressar a Portugal era obter um conhecimento mais profundo e íntimo de uma nação cujo destino é a universalidade e cujas reais dimensões excedem a sua autêntica e ínfima extensão territorial. Parece pretender afinal redescobrir uma nação que visitara anteriormente mas que, desprovido das suas colónias e plenamente integrado na União Europeia, registava

---

nova corrente no âmbito da narrativa de viagem (*idem*, cap. X, pp. 164-165):

“Will contemporary environmentalism produce a new travel writing.? One immediate answer is: why should it? Environmentalism, in many of its ingredients is not new. Its historical origins are various, but a lot of threads go back into colonialism. [...] Travel writing, similarly, has a complex historical relationship with colonialism. Travel writers have frequently been critical of colonial regimes, but many of the familiar conventions of the genre – the rituals of quest and departure, the anecdotal mediation of foreignness to readers at home, the freedom of movement enjoyed by the traveller-protagonist – are interwoven with colonial relations. Both environmentalism and travel writing can be read, in many cases, as continuations, in a post-colonial world, of types of sensibility formed in colonial conditions.

A central claim of contemporary environmentalism is that the present crisis is new. Its scale is unprecedented. Global warming is only its most clearly global manifestation. [...] Each particular environmental event – each health concern connected with pollution, each natural or human habitat destroyed, each species in danger of extinction – is now, routinely, seen as symptomatic of a single, cumulative, global phenomenon: ‘the environmental crisis’. Globalisation is a much-remarked development of contemporary capitalism; environmental problems, as they unfold, seem always to reveal the operations of this capitalism. Environmentalism is frequently an expression of anguish about this process, regret at the penetration of each last remote place; but it is also a perception of systems and interdependencies, calling for new senses of connection to distant localities. This may mean new sorts of travel writing.

Can the older conventions be part of this new orientation? I mean, in particular, the role played by the traveller as heroic venturer, the person whose very daring in entering these places emphasises their difference and impenetrability, while giving the reader a sensation of sudden closeness to the wild and foreign.[...]

To explore some of these questions, I want to look at the encounter with the exciting Other, and therein with repressed aspects of the self, in travel writing and in nature writing. This is an important trope shared by environmentalist and colonial writings; in examining it, I want to ask what form, if any, it might take in a new environmentalist travel writing.

A characteristic example comes in Paul Hyland’s *The Black Heart* (1988), a travel book announced (perhaps ironically) by its title as a neo-Conradian quest-narrative.”

na aparência extraordinárias mudanças e se vinha gradualmente afastando da sua vocação marítima e atlântica, buscando, com uma cada vez maior frequência, soluções, respostas e apoios em Bruxelas. Virando costas ao imenso e infinito oceano (“backwards out of the big world”), Portugal voltava-se agora para o Continente Europeu, numa nova e ilusória demanda de prosperidade e riqueza:

I'd like to find out, to journey in a country which adds up to somewhere much bigger than the sum of its parts. I want to discover the discoverers now, at the moment they are turning away from the temptation of the sea. I want to do it before corporate Europe exorcises, if it ever can, the primitive spirit for good. And ill.<sup>21</sup>

Tal como dissemos anteriormente, Hyland descreve no seu relato uma nação em que se registavam profundas mudanças estruturais e materiais e que então se preparava para acolher o mundo na Expo 98, cujas obras se encontravam então em curso na Zona Oriental de Lisboa. Tal processo não escapa ao olhar atento do viajante, que a tal propósito efectua frequentes alusões, deixando entrever quase sempre uma nota de algum cepticismo, duvidando certamente dos reais benefícios que Portugal viria eventualmente a colher de tamanha transformação.

Between Cabo Ruivo and Olivais we traversed a concrete desert spouting pipes: BP, GALP and Mobil's oil terminals. On sixty hectares of run-down industrial land the Expo '98 complex has sprung up. Its theme is 'The Oceans: A Heritage of the Future'. Its spectacular oceanarium will draw the crowds, and in the long term the area will swell to 330 hectares of residential, commercial and leisure development with integral fibre-optic communications, plumbed-in bars and a marina with five hundred moorings. It's a *fin-de-siècle* vision of what society aspires to be. It aims to reverse Lisbon's population drift, from the west and Cascais/Estoril and the coast, to the burgeoning east. At a stroke the ocean has been relocated north-east of Lisbon, in the direction of Brussels.

The new international East Station, by Spanish architect Santiago Calatrava, is described as a rail-metro-road mass-transit interchange with airport connections.

---

<sup>21</sup> *Op. cit.*, p.13.

Meanwhile we shudder past Moscovide's prefab slums, regimented tower blocks and Lever Brother's plant at Sacavém, botched rehearsals for the Lisbon of the new millenium. The long bridge from Montijo will step off its stilts and come down to earth here. The world will change. On a misty morning in a bulletproof limousine flanked by raven-black outriders Dom Sebastião will drive north across the Tagus to the luminescent oceanarium; he'll cut a ribbon to open the mouth of Leviathan who will spew forth the prophet Jonah preaching repentance and the empire of the Spirit to a new age.

I'm travelling to a picturesque Portugal, not squalid, not visionary, but full of pride and skill and sweat and the colour they call *encarnado*.<sup>22</sup>

Registo semelhante fora aliás adoptado pelo autor logo no início do seu relato, ao procurar descrever o Centro Cultural de Belém, qualificando-o, em tom depreciativo e irónico, de obra de fachada inútil, dispendiosa e algo desmesurada, que em nada parece apelar ao seu sentido estético:

Across Avenida Brasília and Avenida da Índia, with the Marginal railway between them, stands the Belém Cultural Centre, nicknamed 'The Bunker' or 'The chunk'. It's built of blocks of crystalline rock, roseate and pale ochre. Sun beats into its inner spaces and hot wind sweeps through its canyons. It's a Foreign Legion desert fortress, but one intended to be stuffed full of high culture, low culture, very postmodern, but in fact a façade concealing not much. It's a pyramid, a grandiose tomb. I saw an exhibition of animated Lego there.

'EU funding encourages façade,' said a writer I met in the bar. 'The taps in the toilets run automatically for two minutes. They can't afford the water bill, let alone art.'<sup>23</sup>

Voltando deliberadamente costas a um conceito de progresso e modernidade que o perturba, confessa ser seu objectivo lançar-se numa peculiar demanda vale do Tejo acima, que o deveria levar à redescoberta do passado e do presente de uma nação que julgava de facto conhecer, mas decerto continha numerosos mistérios por desvelar.

---

<sup>22</sup> *Idem*, cap. VII, pp. 75-76.

<sup>23</sup> *Idem*, cap. II, p. 20.

A decisão de subir o rio, recorrendo aos meios de transporte mais diversos, prendia-se com o facto de o Tejo constituir, em sua opinião, a grande linha divisória, em termos geográficos, mentais e civilizacionais, entre dois “continentes” antagónicos: a região Norte predominantemente católica e consagrada à ética do trabalho e as amplas planícies do Sul habitadas por livres-pensadores:

North of the Tagus, the country is made of the green hills, valleys and snowy mountains of northern Christian Europe, pale-skinned and pious, conservative and consecrated to the work ethic, or as devout and dedicated as can be in the real world. To the south lies the Alentejo, from *para além do Tejo*, meaning ‘beyond the Tagus’, free-thinking people in towns of white houses on hot plains, lives shifting between light and deep shadow, bowing to the harsh sensuousness of sun and soil but untroubled by too much religion, as relaxed about church as the Moors mostly were about Islam.<sup>24</sup>

Tal percurso reveste-se obviamente de uma óbvia e profunda carga simbólica. Assim, o autor desloca-se desde a foz do “rio-mar” em direcção à nascente, em busca das origens, na tentativa de desvendar um qualquer mistério – o sentido último da portugalidade e da alma portuguesa, cuja memória parece desejar a todo o custo registar e preservar de uma virtual ameaça de extinção, num universo em rápida mutação e no qual Paul Hyland procura igualmente redescobrir o seu espaço e o seu destino em termos individuais.

Se, na sua essência, a intenção do viajante foi precisamente essa, poderemos então compreender em toda a sua amplitude a insistência quase obsessiva de Hyland em efectuar largas digressões sobre o carácter português, acerca da palavra saudade e da sua natureza intraduzível. O nosso autor explica a tal propósito ao leitor inglês que saudade significa em simultâneo nostalgia em relação ao tempo passado e ao porvir, implicando esperança no futuro e a crença numa eventual redenção:

*Lembranças!* Good memories are half-lost anyhow. There is no mind, and no simulator yet invented, that can re-enact experience, no hologram that can hoax all

---

<sup>24</sup> *Idem*, cap. I, p. 2.

the senses. Once dismembered, even the perfect moment cannot be remembered. The perfect flavour, or sunset, or orgasm demands to be repeated. We must move on: to something new or something old, but always on. We travel to remember, or to re-write memory. Nostalgia moves us. We travel to forget too, of course, not out of despair – despair is stationary – but out of at least a little hope, or nostalgia for the future. Most peoples are pretty good at it, but the Portuguese are artists of nostalgia and of yearning: they have a word for it, *saudade*, which with arcane pride, they always say is untranslatable.<sup>25</sup>

Mergulhado no seu “labirinto de saudade” o nosso viajante segue rio acima, esperando talvez alcançar uma qualquer revelação mística e nunca deixando de aludir ao mito sebástico e ao Quinto Império. De facto, a última e derradeira razão para o retorno de Hyland a Portugal terá sido, indubitavelmente, o fascínio nele exercido pela figura do monarca, insistindo em identificar traços de sebastianismo nos mais ínfimos detalhes do quotidiano português e em converter figuras insígnas da história e cultura portuguesas em avatares de D. Sebastião. Assim, do início ao final da viagem somos repetida e exaustivamente remetidos para a biografia do infeliz monarca e para o trágico desfecho da batalha de Alcácer-Quibir, acerca dos quais o autor havia já colhido abundante informação em viagens anteriores, mas aos quais nunca havia atribuído tamanha importância<sup>26</sup>. Por outro lado, o leitor rapidamente se apercebe

---

<sup>25</sup> *Idem*, cap. I, p. 7.

<sup>26</sup> O discurso de Hyland permite-nos depreender que uma das razões que determinaram o seu regresso a Portugal foi precisamente o fascínio nele exercido pela figura do rei D. Sebastião e pelo mito sebástico. O seu entusiasmo pela personagem histórica viria confessadamente a redobrar quando, no curso de uma entrevista à então Directora da Biblioteca Nacional, Maria Leonor Machado de Sousa, descobre que Thomas Stucley, o célebre renegado inglês a quem fora atribuído o título de Marquês de Leinster e se preparava para conquistar a Irlanda, com o apoio do Papa e de mercenários italianos, participara igualmente (e de forma quase accidental) na batalha de Alcácer-Quibir ao lado do monarca português. Hyland virá ainda a descobrir que Thomas Stucley era, afinal, um antepassado da família Stucley e natural de Affeton, em Devonshire, onde habitam ainda hoje os seus descendentes. O renegado inglês, que se suspeita fosse filho ilegítimo de Henrique VIII e meio-irmão de Isabel I, nasceu em Affeton Castle, a poucas milhas de distância da localidade em que o nosso viajante actualmente reside, no condado vizinho de Dorset.

de que muitos dos monumentos e localidades visitados se encontram de algum modo associados à personagem histórica em causa (do mosteiro dos Jerónimos, passando por Sintra, Salvaterra de Magos, Almeirim e finalmente Évora), facto que não poderá constituir mera coincidência, tendo Hyland escolhido como etapas da sua demanda locais que lhe permitiram evocar o mito sebastianista.

Deste modo, se o leitor britânico pretende ficar a conhecer toda a riqueza patrimonial e monumental do nosso país não o conseguirá percorrendo esta narrativa, já que o itinerário traçado por Hyland é afinal bastante restrito no seu alcance e algo bizarro, trilhando caminhos raramente cruzados pelos turistas e viajantes ingleses, mesmo os mais curiosos, inquisitivos e aventureiros. O seu roteiro conduzirá o leitor a Lisboa e aos seus arredores, Ribatejo acima, mas igualmente a breves mas belíssimos trechos das remotas regiões interiores do Alto Alentejo e da Beira Interior, ignorando porém, em larga medida, as grandes cidades, determinados centros da vida intelectual e académica do país, bem como alguns pontos de maior interesse turístico, nomeadamente muitas das localidades patrimonial e historicamente mais ricas de Portugal. Na verdade, o nosso autor parece deliberadamente sacrificar o objectivo puramente trivial de uma descrição exaustiva do país visitado, em jeito de guia de viagem, que se tornaria inevitavelmente superficial, limitada e inconclusiva no seu alcance.

Nessa medida, o propósito fundamental de Paul Hyland terá sido aprofundar o seu conhecimento do carácter português e da alma lusitana, evitando cair em lugares-comuns e percorrer as rotas habitualmente trilhadas pelos seus antecessores britânicos. O nosso autor abandona voluntariamente a rota comum (*the beaten track*), dedicando boa parte

---

Confrontado com tamanha coincidência, Paul Hyland procuraria aprofundar os seus conhecimentos sobre o destino de Stucley, através da consulta das fontes historiográficas, tendo vindo igualmente a manifestar um particular interesse pela recepção desta figura nas letras inglesas, quer em textos da Época Isabelina quer em textos posteriores.

A este propósito consulte-se o seguinte artigo de nossa autoria: João Paulo Ascenso Pereira da Silva, “A Tragédia Anónima sobre Thomas Stukeley”, in Maria Leonor Machado de Sousa (coord.), *D. Sebastião na Literatura Inglesa* (Lisboa: ICALP/Ministério da Educação, 1985), pp. 65-119.

da sua obra a um estudo atento do comportamento, das tradições e da personalidade dos portugueses, através de uma lenta e difícil jornada por territórios agrestes e, por vezes, quase inacessíveis, mas de uma rara beleza e cujo interesse histórico e patrimonial não deverá ser desprezado por qualquer estrangeiro interessado em conhecer profundamente o país. A visão de Portugal transmitida por Hyland aos seus compatriotas não é mais a imagem exaustivamente veiculada pela esmagadora maioria dos viajantes, revelando ao leitor o país real, nos seus aspectos mais modernos e arrojados mas igualmente nas suas facetas mais pitorescas e tradicionais, não se coibindo de descrever o “Portugal profundo”, rústico e atrasado, que levará ainda muitas décadas a alcançar o grau de prosperidade e desenvolvimento ostentado pelas regiões mais ricas e avançadas da Europa.

No seu relato há toda uma faceta oculta que se desvela ante o olhar atônito do leitor, como num documentário televisivo ou cinematográfico. O viajante sobe o vale do Tejo até alcançar o interior de Portugal, indo ao encontro daquilo que de mais genuíno a nação visitada parece oferecer e que constituirá, na essência, a sua diferença face a um litoral cada vez mais indistinto e urbanizado e a uma Europa na qual corre o risco de se vir no futuro a diluir. Ao invés do “coração das trevas” o autor descortina e busca um espaço que se lhe afigura luminoso, onde porventura residirá a esperança de resistência ao processo de uniformização a que os sucessos históricos mais recentes têm vindo, no entender de Paul Hyland, a submeter Portugal.